

COMUNICARTE

13/14



INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÕES
PUCCAMP

Arnaldo Lemos Filhos

Cinema e o sagrado

Domenico De Gregorio

L'idea di un nuovo ordine mondiale della comunicazione

Elisete Zanlorenzi

Você quer brincar?

Flávio M. A. Calazans

Epiquerema: a forma universal de argumentar

Gilmar de Carvalho

Marilena Chauí e a comunicação social

João Baptista de Almeida Júnior

Ópera do malandro: um exercício de leitura cinematográfica

João Ribeiro Júnior

O significado do abstracionismo

Mário L. Erbolato

Polícia e jornalismo: objetivos comuns

Norma Felicidade L. da Silva

O sentido da cultura

Omar Souki Oliveira

Impacto da televisão em hábitos de consumo

Tupã Gomes Corrêa

Interesse público e interesse privado na dialética da opinião pública

Yolanda Lhullier dos Santos

A missão artística francesa de 1816 e o neoclassicismo no Brasil

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO, BIBLIOTECA DE
COMUNICAÇÃO, OPINIÃO E DEBATE, PENSAMEN-
TO IBERO-AMERICANO, NOTÍCIAS

COMUNICARTE

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Campus I — Rodovia "D. Pedro I", km 112

Caixa Postal 317 — Telefone (PABX) 52-0899 — CEP 13100

CAMPINAS (Brasil)

COMUNICARTE

Revista semestral do Instituto de Artes e Comunicações da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ANO VII/VIII - nºs 13/14 - 1989/1990

DIRETOR: Mário L. Erbolato (Registro nº 115 no Ministério do Trabalho).
EDITOR: Gilberto Gonçalves (Registro nº 11.576 no Ministério do Trabalho).
CONSELHO DE REDAÇÃO: Eduardo de Melo Ferreira (Presidente), Cleuza G.
Gimenes Cesca, Gilberto Gonçalves, J. B. Pinho, João Ribeiro Júnior, Marcel
Chejda e Maria Sílvia Barros de Held (membros).
CORRESPONDENTE EM SÃO PAULO: Francisco de Assis M. Fernandes.
Secretária Administrativa: Isabel Cristina Rossi

Capa: Wladimir Fera.

Departamento de Composição e Gráfica - Supervisão Geral: Anis Carlos Fares.

Composição e Past-up - Coordenadora: Celia Regina Fogagnoli Marçola; Equipe:
Maria Rita Aparecida Bulgarelli e Silvana Dias de Souza; Desenhistas: Alcy Gomes
Ribeiro e João Daniel de Araújo.

Fotolito, Impressão e Acabamento - Encarregado: Benedito Antonio Gavioli.

Equipe: Ademilson Batista da Silva, Douglas Heleno Ciolfi, Eduardo Paulo Ma-
geste, Jamil Aparecido Milani, João Divino Pereira Pardin, Luiz Carlos
Batista Grillo, Nilson José Marçola e Ricardo Maçaneiro.

COMUNICARTE, órgão oficial do Instituto de Artes e Comunicações, da PUCAMP,
é redigida por professores e alunos desta unidade e divulga também trabalhos que
lhe forem enviados, a convite ou espontaneamente, por especialistas da área. **Os
temas abordados serão os relacionados com as artes, a comunicação social e o tu-
rismo. ** **COMUNICARTE** não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em arti-
gos assinados, mas dá ampla liberdade de pensamento aos seus colaboradores. **To-
dos os trabalhos são submetidos ao Conselho de Redação que, pela sua maioria,
pode sugerir ao autor alterações não substanciais em seus textos, visando sobre-
tudo a aprimorar aspectos técnicos. A linguagem deve ser simples e acessível. **Re-
comenda-se que as colaborações tenham o mínimo de cinco e o máximo de 12 pá-
ginas datilografadas, em espaço dois com 70 toques por linha. **Não haverá, em
hipótese alguma, devolução de originais. *** O conteúdo de **COMUNICARTE** in-
clui artigos, teses, pesquisas, noticiário sobre atividades da PUCAMP e do IAC,
resenhas e resenções de livros, notas sobre acontecimentos ligados ao ensino, cor-
respondência recebida e quaisquer outras matérias julgadas oportunas pelo Con-
selho de Redação. **As ilustrações poderão ser fornecidas pelos autores. ***A re-
dação segue integralmente as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técni-
cas, quanto a notas, citações bibliográficas, referência e outras, ligadas à publica-
ções de artigos. ***As matérias eventualmente publicadas não serão renumeradas.
***Permite-se a transcrição dos artigos de autoria de professores do IAC/PUCAMP,
desde que mencionada a fonte. *** **COMUNICARTE** é enviada gratuitamente a
Faculdades, Institutos e Escolas de Comunicação Social, a professores e entidades
da área, mediante solicitação escrita.

INTEGRANTE DA REDE IBERO-AMERICANA
DE REVISTAS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

COMUNICARTE

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campus I - Rodovia "D. Pedro I", km 112
Caixa Postal 317 - Telefone (PABX) 52-0899 - CEP 13100
CAMPINAS (Brasil)

1029589

BC - PERIÓDICOS - PUCAMP
Class 001.5/1
Recebido 2507-91

FSS 3
ISSN 0102 - 0242

COMUNICARTE

PUCAMP

SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÕES - SBI

R. COMUNICARTE CAMPINAS V. 7/8 Nºs 13/14 p.1-196 1989/1990

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
(Sociedade Campineira de Educação e Instrução)

Grão-Chanceler: D. Gilberto Pereira Lopes
Reitor: Prof. Eduardo José Pereira Coelho
Vice-Reitor para Assuntos Administrativos: Prof. Gilberto Luiz Moraes Selber
Vice-Reitora para Assuntos Acadêmicos: Profª Drª Vera Sílvia Marão Beraquet

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÕES

Diretora: Profª Geny de Oliveira L. Vieira
Vice-Diretora: Profª Cleuza G. Gimenes Cesca.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÕES

Rodovia D. Pedro I, km 112 — tel.: 52-0899 — ramal 176

Caixa Postal 317 — CEP 13100 — Campinas — SP

SUMÁRIO

Editorial	5
Arnaldo Lemos Filho	
Cinema e o Sagrado	6 a 20
Domenico De Gregorio	
L'idea di un nuovo ordine mondiale della comunicazione	22 a 24
Elisete Zanlorenzi	
Você quer brincar?	26 a 34
Flávio M. A. Calazans	
Epiquerema: a forma universal de argumentar	36 a 49
Gilmar de Carvalho	
Marilena Chauí e a comunicação social	50 a 56
João Baptista de Almeida Júnior	
Ópera do malandro : um exercício de leitura cinematográfica. ..	58 a 63
João Ribeiro Júnior	
O Significado do Abstracionismo	64 a 69
Mário L. Erbolato	
Polícia e jornalismo: objetivos comuns.	70 a 83
Norma Felicidade L. da Silva	
O sentido da cultura.	84 a 88
Omar Souki Oliveira	
Impacto da televisão em hábitos de consumo	90 a 108
Tupã Gomes Corrêa	
Interesse público e interesse privado na dialética da opinião pública	110 a 124
Yolanda Lhullier dos Santos	
A Missão Artística Francesa de 1816 e o Neoclassicismo no Brasil	126 a 134

Pesquisa e Documentação

Os órgãos de defesa do consumidor em Campinas: um estudo exploratório 136 a 156

Documento final do 2º Encontro Iberoamericano de Editores de Revistas de Comunicação e Cultura 157 a 159

Biblioteca de Comunicação 160 a 163

Opinião e Debate

Igreja e Comunicação 164

Os discursos proibidos 165 a 168

Os discursos alternativos 169 a 176

Estatização e televisão 176 a 178

Pensamento Ibero-Americano III

Filosofia de La Comunicación En Torno a Los Medios 180 a 187

Notícias

Brasil Escolhido para sediar ALAIC: Diretor da ECA-USP é o novo presidente. 188 a 189

INTERCOM realiza Congresso Anual de Pesquisadores em Florianópolis 189 a 190

Publicações Integrantes da Rede Ibero-Americano de Revista de Comunicação e Cultura. 192 a 194

APRESENTAÇÃO

O presente número de COMUNICARTE mantém atuantes as características da publicação: temática ligada à Comunicação e às Artes, com tratamento acadêmico, racional, especializado, dos problemas levantados, proporcionando-se espaço para autores que deixem transparente seu engajamento criativo a esses parâmetros. Apresentamos contribuições de grande qualidade provindas de colegas da PUCCAMP — Arnaldo Lemos Filho, Elisete Zanlorenzi, João Baptista de Almeida Júnior, João Ribeiro Júnior, Mário Erbolato e Norma Felicidade Lopes da Silva. Por outro lado COMUNICARTE se orgulha de poder apresentar os excelentes artigos provindos da ECA-USP, de Flavio de Almeida Calazans, de Tupã Gomes Correa, e de Yolanda Lhullier dos Santos, bem como da UFMG, de Omar Souki de Oliveira, e da Universidade Federal do Ceará, de Gilmar de Carvalho.

A pesquisa de alto nível, além de exposta nos artigos teóricos já referidos aparece tratada de forma modelar em "Órgãos de defesa do consumidor em Campinas: um estudo exploratório", trabalho de alunos do IAC-PUCCAMP, coordenado e sintetizado por J. B. Pinho. Opinião e Debate, sessão fixa de COMUNICARTE apresenta a primeira parte das discussões do I Fórum de Debates Interdisciplinares da Comunicação, promovido pelo IAC e pelo ITCR da PUCCAMP, com as comunicações do Pe. Luiz Roberto Benedetti. Dentro da perspectiva de integração cada vez mais ampla na Rede Iberoamericana de Revistas de Comunicação continuamos a série Pensamento Iberoamericano com o artigo "Filosofia de la Comunicación". Agradecemos os trabalhos de arte minimal da professora Dulcimir Capisani, da Universidade Federal de Campo Grande. Por fim lamentamos o atraso no aparecimento deste número de COMUNICARTE, que temos certeza será sanado nos próximos números.

CINEMA E O SAGRADO

Arnaldo Lemos Filho
(Professor do ICH – PUCCAMP)

"É o interior que domina. Eu sei que isso pode parecer paradoxal numa arte que é toda exterior. Mas vi filmes em que todo mundo corre e que são lentos. Outros em que os personagens não se agitam e que são rápidos".*

Robert Bresson

Introdução

O cinema é uma arte. As discussões em torno dessa afirmação já estão superadas. Ultrapassando as fronteiras de um mero tecnicismo luminoso, a que o movimento da imagem fotografada conseguiu dar inesperado encanto, o filme abriu-se ousadamente para sucessivas inovações. O aparecimento de sugestivos temas humanos e o seu alto grau de simbolismo e de poder de expressão fizeram com que o cinema adquirisse algo acima do campo inferior do espetáculo fácil. Não seria exagero afirmar que, em certos campos, o cinema, hoje, passou a desempenhar muitos papéis confiados no Renascimento e na época medieval, por exemplo, à pintura. "La Dolce Vita", de Federico Fellini, para muitos críticos, constitui um afresco gigantesco da sociedade contemporânea, como os afrescos da escola flo-

(*) O presente trabalho, cuja primeira parte é publicada nesta edição, é um ensaio sobre as relações entre o cinema e a religião. Embora a pesquisa cinematográfica que o fundamenta se encerre na década de 60, os princípios que defende são válidos até hoje e podem ser aplicados a filmes mais recentes, como "O Evangelho segundo São Mateus", de Pasolini; "Je vous salue, Marie", de Godard; "A Última Tentação de Cristo", de Scorsese e o recente filme canadense "Jesus de Montreal", de Denys Arcand.

rentina retratavam toda a sociedade toscana do século XVI. Os filmes de Bersmann, René Clair, Bresson, De Sica, Rossellini, Visconti e outros integram uma verdadeira antologia da cinematografia internacional.

Historicamente todas as artes possuem suas raízes na religião¹. Assim por exemplo, a dança se originou na atmosfera mágica e mística das cerimônias religiosas. Em todas as suas manifestações primitivas, as artes se inspiraram nas crenças religiosas². O cinema, "la sola arte non nata del culto", teve, ao contrário, das outras artes, origens eminentemente profanas. Nascido do desenvolvimento moderno da técnica, no contexto do cientificismo e da ideologia do progresso do homem, é profano também por sua estrutura industrial e comercial. Embora nascido no início da civilização técnica, o cinema se preocupou desde sua infância com as realidades sobrenaturais. Assim é que Lumière e Meliés realizam, cada um a seu modo, e segundo o seu estilo uma evocação de Cristo. Em 1897, Lumière realiza um documentário, "La vie et la passion de Christ" e Meliés em 1898, monta uma cena intitulada "Le Christ marchant sur les eaux". Somente no primeiro período do cinema mudo foram realizados 37 filmes com temas religiosos.

O cinema, procedendo e diferenciando-se das várias artes, é uma síntese; a sétima arte. Muito bem explica Robert Claude: "O cinema se desenvolve no **espaço**. Sobre uma superfície plana, usa toda uma gama de **elementos visuais**: a imagem e suas combinações, combinações de planos, angulações, luz e cor. O cinema é ainda **movimento**. Como a música descreve-se numa duração e desenvolve-se no **tempo**. Pelo encadeamento e confrontação dos elementos audiovisuais, a montagem precisa ou modifica a significação das imagens e dos sons. Pelo equilíbrio e tamanho dos planos cria o **ritmo**"³.

Diante desta arte, a Igreja considerou primeiramente o aspecto moral. Charles Ford nos dá um histórico da atitude da Igreja desde os primórdios da sétima arte: uma atitude senão de total rejeição, pelo menos de restrições e, às vezes, de desconfiança. Pouca coisa foi feita de positivo diante do fenômeno cinematográfico⁴. A encíclica "Vigilanti Cura" (1936) de Pio XI, embora escrita aos bispos norte-americanos pelo sucesso da Legion of Decency, desejava ver os católicos se interessarem pelo cinema como arte e assim impor nele uma presença cristã. Infelizmente durante muito tempo o aspecto negativo foi posto em evidência. Ainda hoje se vê, embora, pequena, uma ação repressiva e moral diante do cinema como podemos ter nos relatórios anuais dos congressos do OCIC⁵. Mas o aprofundamento cultural do fenômeno artístico levou os católicos para uma ação positiva. Os discursos sobre "O Filme Ideal"⁶ e a encíclica "Miranda Prorsus"⁷, de Pio XII abriram caminho para uma melhor compreensão da sétima arte⁸.

Se bem que legítima a preocupação da Igreja com a moral, estou com René Ludmann ao dizer que o cinema é mais um problema de fé do que moral⁹. A moral só se explica referenciada com a fé. A vida de um homem não se julga só pelo que ele faz, mas segundo o que ele pensa, segundo sua concepção de vida e segundo os seus princípios.

A finalidade deste pequeno ensaio é mostrar que apesar de suas limitações (arte, técnica, indústria) e apesar de toda tirania econômica de um comercialismo sem consciência, o cinema pode trazer ao mundo contemporâneo as questões da fé e da religião cristã. Os problemas colocados pelas relações entre a arte e o sagrado, os limites e o poder da imagem para a comunicação "espiritual", do religioso, a análise concreta de obras cinematográficas que exprimem o sagrado, são as questões principais que tentaremos estudar.

O tratamento do sagrado no cinema tem sido objeto de estudo de vários críticos. Henri Agel, Amedée Ayfre, Lemaitre Luigi Gedda, René Ludman, Amargier O. P., Morlion O. P., Charles Ford¹⁰ e outros, quer por livros, quer por artigos em revistas especializadas ou não, preocupam-se ultimamente no estudo da expressão do sagrado na tela, procurando o aprofundamento estético filosófico e teológico do problema. Este trabalho segue a linha dos autores citados, principalmente dos notáveis estudos de Agel e Ayfre.

Pode-se abordar o estudo do fenômeno religioso no cinema como estudo teológico. A partir da noção revelada pode-se perguntar em que condições a fidelidade à Revelação tem sido respeitada por essas expressões cinematográficas. Meu intuito é somente dar uma contribuição ao estudo do sagrado no cinema. Não viverão os teólogos, muitas vezes presos às categorias dos séculos passados e não vivendo com o mundo moderno?

A pergunta nos coloca diante de um problema de grande importância: as relações entre a arte e a teologia. Toda obra de arte, por mais profundo que seja o seu tema, implica uma teologia ainda que seu autor não saiba. Para dizer melhor, toda obra de arte, ainda que anti-religiosa ou a-religiosa tem uma relação com a teologia no sentido de que é susceptível de uma interpretação religiosa. É do dramaturgo O'Neill a seguinte expressão: "Não existe verdadeira obra de arte que não trate essencialmente da relação entre Deus e os homens, seja pronunciada seja veladamente."¹¹

A atualidade de Deus na arte é indiscutível. Muitos católicos denunciaram, com escândalo, não a atualidade de Deus, mas do diabo. Car-ré O. P. ao estudar o problema dentro do teatro¹² cita M. Paul Leautaud que escreveu em "La Table Ronde": "Paulhan m'a cité un moy que lui a dit: Je suis chretien, c'est entendu, mais je ne crois pas à l'existence de Dieu. Je crois beaucoup plus à celle du Diable. Je suis même sûr qu'il existe. Comme je l'ai dit à Paulhan, à voir les actions des hommes, dans tous

les demains, il parait bien que c'est plutet le Diable que existe"¹³. A discussão parece sem valor, no plano que nos interessa, pois a atualidade de Deus é recíproca. A obra de arte se inscreverá num plano religioso porque, ainda que negue a existência de Deus, traz um testemunho. Somente não será religioso o universo em que não há adesões nem oposição a Deus.

Sem dúvida alguma, como bem explica Henri O. P., o papel do Teólogo não é simplesmente explicitar o dado da fé, tal como se acha nos documentos da Tradição, mas também tornar explícitos todos os elementos da vida da Igreja que é essencialmente uma vida de fé.¹⁴ Ora, a obra de arte interessa ao teólogo porque ela é um testemunho de fé vivida. Não dizemos da fé vivida do artista, que poderá ter uma fé bastante fraca ou intelectualmente pobre, mas o testemunho de seu meio e de seu tempo através de sua Criação.

Por outro lado, se o mundo da fé interessa ao artista é porque ele se torna atual para muitos homens de hoje. O cinema não faz senão traduzir por seus meios próprios o que passa no coração dos seres ou em sua vida. Se há arte em que Deus diretamente ou indiretamente é colocado como problema é porque evidentemente o homem moderno ao menos inconscientemente se interroga sobre suas relações com Deus. E o cinema, mais que as outras artes, pois é essencialmente a arte da comunidade, reflete as preocupações maiores de uma época.

Não é necessário que o artista (isto é, o diretor) seja cristão. Que um homem de talento, sensível ao espiritual e a esta face do ser onde se reflete a luz do alto, tende a dar forma e visão à doutrina do Evangelho, implicando-a nas alternativas do mundo, é bem possível que sua obra tenha um sentido autêntico. As "suppleances" que Regamey reivindica para os pintores e escultores incrédulos que tomam temas religiosos, poderiam ser aplicadas ao cinema.¹⁵

René Ludman considera as possibilidades das relações entre cinema e teologia. Não procura tirar conclusões precipitadas mas afirma ser indubitável que o cinema possa apoiar e vulgarizar o pensamento teológico. Não que a teologia seja concretizada pelo "ecran". A realidade será sempre invisível e a fé não se realiza senão pela fé. Mas cabe ao teólogo, diante de uma obra cinematográfica, explicar ou melhor explicitar a teologia implícita.¹⁶ Para Amargier é demasiado cedo para sermos precisos neste ponto. Trata-se de uma aventura, pois não é em técnica que o teólogo pode tratar de obra cinematográfica. Contudo permanece a possibilidade de se encarnar algumas verdades essenciais através de obras cinematográficas.¹⁷

Razão tem Charles Moeller ao dizer que a teologia tem má impressão muitas vezes por culpa dos teólogos. Em sua monumental obra sobre a literatura contemporânea, Moeller fez verdadeira teologia, pois a teologia autêntica deve também confrontar as premissas da fé com os dados do tempo presente¹⁸. Sem a pretensão do escritor belga sinto como

ele uma dificuldade. É possível que perseguindo duas lebres ao mesmo tempo eu as deixo escapar ambas. Receio que nem os teólogos e nem os estudiosos do cinema fiquem satisfeitos.

I – O CINEMA E O SAGRADO

1) O SAGRADO

A noção de sagrado é complexa e ambígua. Existem mesmo várias espécies de sagrado na arte do mundo contemporâneo, desde o sagrado estético inerente a toda a obra de arte até o sagrado demoníaco, passando pelo sagrado religioso, o sagrado cósmico e o sagrado maravilhoso, etc...

A primeira afirmação que fazemos é a existência do sagrado estético, isto é, a exigência de um caráter sagrado que se deve conhecer em toda verdadeira obra de arte. Qual é a natureza deste sagrado e como ele se encontra nas obras de arte cinematográficas? Prescindindo da análise estética, repetimos aqui o que diz Etienne Souriau. Ele distingue vários níveis de existência de uma obra artística: a **existência física** que é a obra em seu estado material da tela pintada, do bloco de pedra, ou do conjunto de sons; a **existência fenomenal** que é a da obra enquanto apresentada aos sentidos, sob a forma de certo jogo de aparências sensíveis; a **existência "chosale"** enquanto que a obra evoca diretamente (nas artes representativas) ou indiretamente (nas obras não representativas) certo número de seres ou de coisas existindo no mundo; e enfim a **existência transcendental**, isto é, uma espécie de halo místico que envolve a obra de arte e evoca todo um mundo de idéias e sentimentos, e que faz com que a obra tenha certa profundidade.¹⁹

Esta transcendência pode não ter uma qualificação precisa, ou mesmo ser discutido seu aspecto estético²⁰ — Por isso é dessa transcendência que se fala quando se afirma que toda obra de arte, sob certo aspecto, é sagrada.

Delimitando mais o termo, procura-se a natureza do sagrado em si mesmo. O problema, que têm suscitado polêmicas e debates²¹, é saber a natureza própria do sagrado na arte. Para Roger Caillois, grande estudioso do assunto, a única coisa que se pode afirmar validamente é que o sagrado se opõe ao profano.²² Esta definição negativa implica o conceito de sagrado para "outra coisa." É necessário pois, que a perspectiva da obra de arte e a visão do autor nos orientem para esta "outra coisa" que nos transtorna totalmente e que permanece para nós um mistério. Daí a definição de Bazaine: "O sagrado é o sentimento misterioso de uma transcendência brilhando na ordem natural do mundo, no cotidiano"²³. Henri Agel afirma que nas suas formas atuais o sagrado pode ser considerado em três tendências:

a) o **sagrado da exaltação** das potências obscuras e dionisíacas do inconsciente (a música de jazz)

b) o **sagrado da ascese**, mais mágica no fundo do que verdadeiramente espiritual pelo qual a poesia tenta entrar em contato com o inefável (o surrealismo).

c) o **sagrado da comunhão patética**, à altura do homem com os grandes impulsos dolorosos que o lançam no engajamento revolucionário. (Os romances de Malraux)

Mas, como diz o mesmo crítico, na visão do cristianismo, estes três aspectos do sagrado contemporâneo parecem mais degradações de sua verdadeira concepção²⁴. Para o cristianismo, o sagrado não é outra coisa que Deus enquanto é ao mesmo tempo acessível e inacessível aos homens. É Deus que se revela aos homens, mas é também Deus, que nesta própria revelação, se esconde. Isto é, para a expressão do sagrado, é preciso inserí-lo no universo das experiências humanas, sem no entretanto humanizá-lo, afim de que continue transcendente a eles.

Amedée Ayfre, em três diferentes lugares, discorre longamente sobre a questão²⁵ e dele tiramos estas considerações. As mais perfeitas manifestações do sagrado, diz o autor de "Dieu au cinema", se encontram na Bíblia e na pessoa de Cristo. No episódio da sarça ardente, por exemplo, Deus se revela a Moisés sob a forma misteriosa de uma chama de fogo. E quando Moisés lhe pede o nome, a resposta é uma revelação e um mistério: "Eu sou o que sou". Moisés também expressa com gestos muitos simples o sentimento do sagrado que possui: descalça as sandálias e cobre a face. Deus se revela de uma maneira misteriosa. É a **Transcendência**.

Para o Cristianismo, a revelação suprema de Deus se realiza na pessoa de Cristo: a **Encarnação**. Cristo é o sagrado por excelência, porque Ele é a face humana de Deus. Ele incarnou a transcendência.

Daí se inferem duas **vias**, ou melhor, duas leis na evocação do sagrado: uma acentuando a transcendência que se encarna, a outras acentuando a encarnação da transcendência.

A primeira via atinge o sagrado por estilo de transparência. Para evocá-lo, faz uso de um simbolismo quase "abstrato" que não se preocupa tanto com a semelhança entre o símbolo e o simbolizado nem a procura da evocação direta do sobrenatural, focalizando não tanto a representação quanto a uma evocação do invisível por meio de uma purificação das aparências externas. Esta transcendência da encarnação deve seguir na obra de arte o admirável exemplo da liturgia. A liturgia nunca procura representar Deus humanamente, mas procura evocá-lo em sua própria invisibilidade. A liturgia da Vigília Pascal, por exemplo, não pretende representar servilmente o episódio histórico do mistério pascal por uma celebração estilizada do tema da luz e do círio pascal. O círio é uma imagem que

